

ELEIÇÕES NA FRANÇA / No encerramento da campanha, presidente acusa Marine Le Pen, da extrema-direita, de mentir e de defender a saída da Europa. Adversária rebate republicano e tenta projetar imagem de tranquilidade para o país

Macron parte para o ataque

No último dia de campanha, o presidente da França, Emmanuel Macron, saiu às ruas e parou para o ataque contra Marine Le Pen, candidata do partido de extrema-direita Reagrupamento Nacional. “Marine Le Pen mente para as pessoas”, afirmou o chefe de Estado e membro do partido República em Marcha. Amanhã, Macron começará uma batalha pela reeleição, no primeiro turno das presidenciais francesas. As mais recentes pesquisas mostram uma disputa apertada, que ganha em dramaticidade ante a previsão de um índice de abstenção que deve chegar a 30 pontos percentuais.

Segundo o jornal *Le Figaro*, os institutos de pesquisa Elabe, OpinionWay e Ifop Fiducial dão a Macron 26% dos votos, enquanto o Ipsos Sopra Steria traz 26,5%. Por sua vez, uma sondagem da Harris Interactive mostra o presidente com 27% das intenções de voto. Marine Le Pen teria 25%, de acordo com o instituto Elabe — apenas um ponto percentual atrás de Macron. Os institutos de pesquisa OpinionWay, Ipsos e Ifop Fiducial indicam que a candidata do Agrupamento Nacional terá, respectivamente, 22%, 23% e 24% dos votos.

Macron afirmou que os fundamentos de Le Pen — filha de Jean-Marie Le Pen, ex-candidato da Frente Nacional — não mudaram. “Seu programa é racista. (...) É um programa de saída da Europa, embora ela não o diga claramente”, advertiu. Marine Le Pen evitou o embate com o atual ocupante do Palácio do Eliseu. “Uma



Ludovic Marin/AFP

Marine Le Pen mente para as pessoas. Seu programa de governo é racista”

Emmanuel Macron, presidente da França e candidato à reeleição. Na foto, em visita a mercado aberto de Neuilly-sur-Seine, perto de Paris

competição eleitoral é um confronto de ideias, não é uma batalha”, respondeu, durante visita a um mercado em Narbona (sul).

Incertezas

Le Pen, líder do Agrupamento Nacional, se firmou na reta final como candidata a ser derrotada. Seu rival de extrema-direita, Éric Zemmour, cujo

discurso radical a ajudou a parecer moderada e acabou por prejudicá-lo, também a atacou, dizendo que ela “sonha” em se aliar à esquerda.

A França parece destinada a repetir o duelo Macron-Le Pen de 2017, mas o resultado parece mais incerto em um país que, nos últimos cinco anos, viveu protestos sociais, uma pandemia e teme os efeitos, no bolso,

da invasão russa à Ucrânia. Diante desse possível duelo, os outros candidatos começam a se posicionar, inclusive antes do primeiro turno. A socialista Anne Hidalgo, o comunista Fabien Roussel e o ambientalista Yannick Jadot anunciaram que tentarão impedir a vitória da extrema-direita, na figura de Le Pen, no segundo turno.

Mas a tradicional “frente republicana” não será suficiente para

isolar Le Pen no segundo turno, explicou à agência France-Presse o diretor da Fundação Jean-Jaurès, Gilles Finchelstein, para quem esse sistema está desgastado, embora não tenha desaparecido. Símbolo dessa mudança, a candidata do partido de direita que já esteve no poder, a liberal Valérie Pécresse (Os Republicanos), garantiu que não fará uma recomendação de voto após

o primeiro turno porque “os franceses são livres”, embora vá revelar em quem vai votar.

Nas últimas horas da campanha, os 12 candidatos jogam suas últimas cartas para mobilizar os eleitores, principalmente quando apenas 69% afirmam que votarão com certeza. Destes, um em cada três ainda tem dúvidas em quem votar, segundo pesquisa da Ipsos-Cevipof.



Lionel Bonaventure/AFP

Uma corrida eleitoral é um confronto de ideias, não é uma batalha”

Marine Le Pen, candidata do Reagrupamento Nacional. Na foto, durante encerramento de campanha em mercado de Narbonne, no sul do país

HOLLYWOOD

Academia bane Will Smith por 10 anos

A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood anunciou, ontem, que proibiu o ator Will Smith de comparecer a eventos da instituição e à cerimônia de entrega do Oscar durante os próximos 10 anos devido ao tapa que desferiu no comediante Chris Rock na última premiação. Will reagiu a uma piada feita por Rock sobre sua mulher, Jada Pinkett Smith, que sofre de alopecia, doença que provoca a queda de cabelo.

Segundo indicaram em nota o presidente da junta da

organização, David Rubin, e a diretora executiva, Dawn Hudson, durante esses dez anos Smith “não estará permitido a comparecer a nenhum evento ou programa da Academia, seja pessoal ou virtualmente, incluindo, entre outros, os prêmios da Academia”. A instituição manteve o Oscar de melhor ator que Smith ganhou este ano por *King Richard*. Uma eventual sanção ou impedimento para indicações futuras não foi mencionada.

A agressão ofuscou a maior gala do cinema e surpreendeu milhões

Fotos: Robyn Beck/AFP



Will Smith acerta Chris Rock, após piada sobre sua mulher

de telespectadores que a acompanhavam ao redor do mundo. “A94ª edição do Oscar estava destinada a ser uma celebração das muitas pessoas de nossa comunidade

que fizeram um trabalho incrível no ano passado; no entanto, esses momentos se viram ofuscados pelo comportamento inaceitável e prejudicial que vimos o Sr.

Smith exibir no palco”, apontou a nota da Academia.

“Durante a transmissão, não abordamos adequadamente a situação na sala. Por isso, lamentamos. Esta foi uma oportunidade para darmos um exemplo para nossos convidados, espectadores e nossa família da Academia em todo o mundo, e ficamos aquém — despreparados para um incidente sem precedentes”, afirmou a nota, que também elogiou o comportamento de Rock. “Queremos expressar nossa profunda gratidão ao Sr. Rock por manter a compostura em circunstâncias extraordinárias.”

O comunicado dos maiores nomes da indústria cinematográfica americana acrescentou que “esta ação que estamos tomando hoje (ontem), em resposta ao comportamento de Will

Smith, é um passo em direção a um objetivo mais amplo de proteger a segurança de nossos artistas e convidados, e restaurar a confiança na academia. Também esperamos que isso possa começar um período de cura e restauração para todos os envolvidos e afetados”.

Por meio da revista norte-americana *Variety*, Smith se pronunciou sobre a decisão da junta da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. “Aceito e respeito”, disse. Em 1º de abril, o ator havia anunciado a renúncia à Academia e admitiu que a agressão a Rock foi “imperdoável”. “Eu trai a confiança da Academia. Privei outros indicados e ganhadores da oportunidade de celebrarem e de serem celebrados por seu extraordinário trabalho”, escreveu.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Guerra da Ucrânia ronda as urnas

A Europa terá, amanhã, uma primeira medida mais palpável e objetiva dos impactos políticos provocados do conflito na Ucrânia. Os franceses vão às urnas para o primeiro turno da eleição presidencial e, embora misturados a questões domésticas, inclusive a economia, os ecos da guerra podem se fazer sentir na votação do titular, Emmanuel Macron. E, mais ainda, no resultado daquela que se perfilava nas últimas pesquisas como a rival mais provável de Macron no segundo turno: a ultradireitista Marine Le Pen.

Cinco anos atrás, quando foi derrotada no tira-teima, ela teve a simpatia — e algo mais — do presidente da Rússia, Vladimir Putin. Seu partido, o Reagrupamento Nacional, vinha de ser rebatizado para dar ares rituais ao distanciamento com o passado xenófobo e filonazista. Ainda hoje, a legenda paga parcelas de um empréstimo contraído com um banco russo.

Sintomaticamente, Marine Le Pen deixou que o presidente falasse na campanha sobre a Ucrânia. Preferiu, ela própria, dirigir-se ao eleitorado operário e popular — sua “reserva de

mercado” — para falar do bolso. Malhou a alta dos preços de alimentos e combustíveis, sem relacionar a situação com o conflito no Leste Europeu. Embora tradicionalmente hostil à imigração africana e asiática, soube identificar a simpatia dos franceses para com os refugiados ucranianos — e prontamente abriu as portas para eles.

Bicho pega...

Para Macron, a dinâmica econômica da guerra funcionou ao contrário, até aqui. Na condição de governante, e além disso um dos braços fortes da União Europeia, o presidente francês tinha de dar cara a tapa — ambas as faces. Ao lado do chanceler alemão, Olaf Scholz, liderou a UE na imposição de sanções econômicas à Rússia e fez coro com Joe Biden no desfile de unidade exibido pela Otan.

A conta do prejuízo eleitoral, porém, ele não terá com quem dividir. É do nome e do rosto de Macron que o eleitor de amanhã se lembra quando passa pelo caixa do supermercado, vai ao posto de gasolina e paga as contas.

...ou bicho come

É possível que o presidente francês, ciente de que o cenário econômico não lhe sorriria, tenha decidido apostar as fichas na costura de uma solução diplomática para a Ucrânia. Topou o risco de um fracasso de olho na chance de se apresentar, ao pé da urna, como o estadista que tirou a Europa do conflito internacional mais perigoso desde a Segunda Guerra Mundial.

O investimento político pode render no segundo turno, mas, por ora, Macron vê pelo retrovisor a imagem de Marine Le Pen crescendo e aparecendo. E, com a dose diária de atrocidades atribuídas às tropas russas, começa a ouvir críticas por “dar trela demais” ao Kremlin.

Estranhos casais

A dama da ultradireita francesa forma com Vladimir Putin, no tabuleiro político europeu, um dos pares constantes que desafiam as lógicas lineares. Quando invadiu a Ucrânia, o presidente russo elencou entre os objetivos da operação a tarefa de “desnazificar” o vizinho — e encontrou eco justamente no flanco direito do espectro ideológico

do continente. Na Alemanha, enquanto o social-democrata Scholz e os aliados ecologistas rangiam os dentes com sanções e aumento do orçamento militar, a ultradireita fazia o contracanto no Parlamento e apontava o dedo para culpar a Otan e a UE pela guerra.

Mal não fez

Se a votação de amanhã na França testará os ganhos e perdas de Macron e Le Pen com as ondas de choque propagadas do leste, mais perto do epicentro as urnas já deram a resposta para outro “crush” político de Putin. Mais polêmico ainda do que o czar do Kremlin, o primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, saiu por cima da eleição legislativa do último domingo. Seu partido de ultradireita, abertamente avesso às instituições europeias, ampliou a maioria parlamentar. E o premiê, reeleito, começa a olhar de viés para as caravanas de refugiados, enquanto negocia com Moscou a aquisição de gás — na contramão das sanções adotadas pela UE.

Para Orbán, se não rendeu votos, a proximidade com Putin ao menos não os tirou.

Bola de lado

Por aqui, a seis meses do primeiro turno na disputa pelo Planalto, o Itamaraty manobra com mais folga a política externa, enquanto o Planalto cuida de empurrar o presidente Jair Bolsonaro para cima nas pesquisas. Na última decisão importante da ONU sobre a guerra, a Assembleia-Geral aprovou a suspensão da Rússia do Conselho de Direitos Humanos, por 93 votos contra 24. O Brasil se alinhou entre os 58 países que optaram pela abstenção.

Se não chega a satisfazer os EUA e aliados ocidentais, a posição brasileira bastou para abafar mais um pouco os ruídos da visita de Bolsonaro a Putin, poucos dias antes da invasão. De quebra, ajustou a sintonia do Itamaraty com a diplomacia dos parceiros no Brics — com exceção da Rússia, que puxou os votos contrários e aceitou sem maiores queixumes a abstenção dos demais.

Manter uma posição “de equilíbrio”, com olhos atentos para os desdobramentos do conflito na economia doméstica, foi o mantra entoado pelo chanceler Carlos França na audiência pública de que participou na Comissão de Relações Exteriores do Senado.